



Agroecologia: do rural ao urbano, quem são os sujeitos?
Universidade Federal do Piauí - Teresina-PI
20 a 22 de novembro de 2018 – Teresina/PI

RELATORIA GRÁFICA: COMUNICAÇÃO, ARTE E TROCA DE SABERES ENQUANTO ESTRATÉGIA DA CONSTRUÇÃO DE CONHECIMENTOS NA FEIRA UFPI

J. Victor Martins¹, Valéria Silva²

¹ Universidade Federal do Piauí, Teresina - PI, Brasil, jvxy13@hotmail.com

² Universidade Federal do Piauí, Teresina - PI, Brasil, valeriasilvathe@gmail.com

INTRODUÇÃO

Para a Agroecologia de um modo geral e para a Feira de Base Agroecológica-Cultural da UFPI, em particular, o processo de construção de conhecimento pressupõe lançar mão de uma estratégia filiada ao conhecimento científico e popular, multidisciplinar, horizontal e dialógica. Dentre várias utilizadas neste ambiente, tomamos a relatoria gráfica para análise neste trabalho, buscando expor o fazer da comunicação na agroecologia e demonstrar a importância deste tipo de relatoria enquanto meio de comunicação/partilha imediata, de fruição da arte e caminho de construção analítica coletiva.

A agroecologia tem se fortalecido e criado cada vez mais relações através de experiências vividas em encontros regionais, nacionais, feiras, etc. Assim em um meio midiático onde os veículos dão ênfase à monocultura, a comunicação para a agroecologia é de suma importância ao conferir visibilidade e facilitar os processos de partilha de informações. A agroecologia estuda os processos de produção, com o olhar voltado para os aspectos econômico, social, ético e político que caracterizam determinado meio social. Do modo que se configura, a Agroecologia se ocupa da discriminação do negro, da mulher, da/o indígena, da/o quilombola, da/o LGBTQi+, da juventude rural e urbana, se propondo a respeitar as diferenças e relacionar-se com o outro, cultivar afetos em uma sociedade que silencia e oprime.

Assim orientada, busca adotar meios mais democráticos de relação e produção do conhecimento, como a relatoria gráfica. Para a equipe Feira a ideia de produzir conhecimento desta maneira aflorou no IV Encontro Nacional de Agroecologia, que ocorreu em maio/junho de 2018, organizado pela Articulação Nacional de Agroecologia – ANA, com o lema: “Agroecologia e Democracia: unindo campo e cidade” reuniu pessoas de todo o Brasil e até de outros continentes no Parque Municipal da cidade de Belo Horizonte - MG. No evento parte da equipe Feira-UFPI (Universidade Federal do Piauí), pode ver o processo de construção dessa forma de comunicar, interativa, horizontal e facilitadora.

Bolsistas, coordenadoras da Feira, além de pessoas das instituições que apoiam o projeto, puderam atestar como a facilitação gráfica é importante para um contexto que tem a necessidade de englobar todos os tipos de povos, raças, crenças, gênero, idade e orientação sexual, além de ainda enfrentarmos dificuldades com a situação do analfabetismo. Para este público, a imagem chega imediatamente, traduzindo o universo



Agroecologia: do rural ao urbano, quem são os sujeitos?

Universidade Federal do Piauí - Teresina-PI

20 a 22 de novembro de 2018 – Teresina/PI

linguístico-textual a que não teriam acesso. Por todas as razões, iniciamos a relatoria na Feira UFPI como um experimento de uma nova possibilidade de comunicação, criação, construção de saber.

A RELATORIA GRÁFICA COMO INSTRUMENTO COMPLEXO

A relatoria gráfica difere da relatoria textual, no momento em que deixa de utilizar apenas textos em sua criação e adota desenhos, gráficos, composições de letras e números etc. Assim, este recurso viabiliza ao indivíduo que não fale certa língua, tenha dificuldade ou até mesmo não saiba ler a entender o que está sendo retratado naquele momento, se habilitando a contribuir com a construção.

A relatoria gráfica promove, de forma acessível, a troca de conhecimentos, utilizando-se de gravuras, ilustrações, símbolos e frases pequenas. Como Cicilia Peruzzo, 2016, propõe no texto “Comunicar para Transformar”, que a comunicação no âmbito da agroecologia é um meio de dar visibilidade, lutar, resistir e reivindicar, além de facilitar os processos de formação, e permuta do saber. Logo, fica claro que a forma da comunicação exerce muita força no sentido da partilha de saberes e da luta por um mundo que se atenha aos direitos e respeito a todos os povos e às suas diferenças, além da preocupação anterior de construção de um mundo que se respeite a natureza.

A relatoria gráfica é feita por meio do desenho desses elementos gráficos citados no momento em que a discussão, roda de conversa, palestra, etc., está acontecendo, geralmente reproduzidos em papel de tamanho grande (1,20X0,90 cm ou mais) com canetas multicores para destacar todas as formas e cores de maneira rica esteticamente, além de post it que são usados para marcar onde cada desenho vai ficar e descrever brevemente o tópico para auxiliar na criação. Desse modo, é uma técnica dinâmica, interativa e principalmente democrática, ao facilitar a leitura de diferentes públicos e interações no discurso que está sendo proposto no dado momento.

Na Feira trabalhamos com agricultora/es dos quais uma parte não teve acesso, quando mais novos, à educação formal, assim, não são alfabetizados. Isso também faz necessária a relatoria gráfica para que haja diálogo/interação no momento da produção dos relatos.

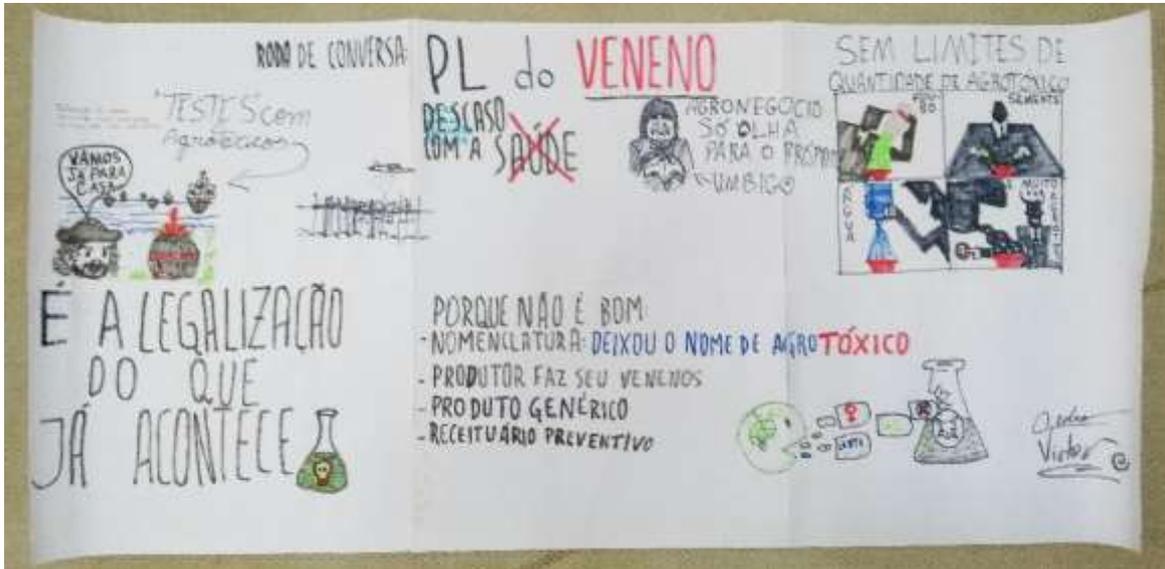
Outro ponto que a facilitação gráfica opera é em desenvolver habilidades em quem a faz, tanto motoras no exercício de desenhar, quanto na construção do indivíduo que está usando da comunicação visual, ao criar essa nova dimensão na geração e no intercâmbio de saberes. No caso do comunicador, também exercita e melhora sua faculdade estética/artística, para estabelecer um devido entendimento de sua arte; fazendo da arte o discurso expresso naquele instante.

Do ponto de vista técnico, assim como “a semente crioula que produz, reproduz e se adapta” (SOUZA, *et all*, 2018, pág. 3) essa maneira de se comunicar está focada no que de mais importante tem a se dizer, definindo tópicos principais e trabalhando-os em elementos que os simbolizem.

Assim orientados, os bolsistas de Comunicação e Artes Visuais da Feira UFPI, se dedicaram a produzir as relatorias das Rodas de Conversa ali ocorridas, bem como de eventos congêneres. Em seguida serão apresentadas e analisadas algumas relatorias produzidas.



Agroecologia: do rural ao urbano, quem são os sujeitos?
 Universidade Federal do Piauí - Teresina-PI
 20 a 22 de novembro de 2018 – Teresina/PI



1. Relatoria gráfica de roda de conversa. Tema: **Veneno: Mais Morte Rondando A Sua Comida.** Feira-UFPI, 06/07/2018. Produção: Pedro Henrique Miranda de Lima Moura e João Victor Martins de Oliveira



2. Relatoria gráfica de Aula Aberta. Tema: **A Agroecologia No Município De Teresina, Piauí.** UFPI, 26/06/2018. Produção: Pedro Henrique Miranda de Lima Moura e João Victor Martins de Oliveira

No sentido de evidenciar a importância do trabalho, passaremos a descrever a relatoria 2, fazendo agora o percurso contrário, onde transportaremos para texto os símbolos desenhados.



Agroecologia: do rural ao urbano, quem são os sujeitos?

Universidade Federal do Piauí - Teresina-PI

20 a 22 de novembro de 2018 – Teresina/PI

A Agroecologia No Município De Teresina, Piauí.

O processo de implantação da agroecologia na cidade podemos dizer que começou em 2003, com a regulamentação ocorrida, através da Lei de Produção Orgânica. Em seguida, nos anos de 2003 e 2004 houve a criação da Comissão de Produção Orgânica-CPOrg. Com isso, foi pensada a Semana do Alimento Orgânico, com o intuito de divulgar sobre os alimentos livres de veneno e que respeitam a natureza e seu ciclo natural de produção. Nesse interim, as mobilizações locais seguiram, embora devagar, e em 2015 foi constituído o Grupo de Produção Orgânica de Teresina-GPOTE, que começou o trabalho de mobilização de comunidades rurais, para despertarem para a produção limpa. Em 2016 foi organizada a Comissão Municipal de Agroecologia e Produção Orgânica-CMAPO, a partir de reuniões de instituições e amigos da agroecologia, estimulados por técnicos da Secretaria de Desenvolvimento Rural-Teresina. Dentre as comunidades que passaram a fazer parte do projeto, estava a Comunidade Soim, por ter se destacado no processo de produzir alimentos a partir da orientação orgânica e agroecológica. A CMAPO vem acompanhando o processo de transição da produção, de convencional para orgânica, nas comunidades participantes do seu Projeto de conversão.

Com o avanço das comunidades implementando o modo de produzir agroecológico foi pensada uma Feira onde as comunidades pudessem expor e vender seus produtos livres de veneno. Por outro lado, o sucesso da Feira estimulou agricultore/as para avançarem na produção quanto-qualitativa e na diversificação dos produtos. Isso facilitará a construção da possibilidade da Certificação Orgânica, oferecendo, a/os agricultora/es recursos para atestar que os alimentos vendidos ali são orgânicos.

O trabalho nas comunidades também conseguiu alfabetizar agricultora/es que nunca tinha tido acesso à escola e não sabiam ler. A leitura, além de facilitar o trabalho da/o agricultora/or, pode instruir e construir outras faculdades necessárias ao avanço do trabalho agroecologia. Logo após a formação, começou a se tratar o conceito de agroecologia com mais firmeza e atenção, visto a capacidade das pessoas acompanharem as informações partilhadas.

Nesse momento, 2016, o Projeto Feira UFPI brota. Preocupado com a produção agroecológica de Teresina, produção e manifestação de caráter cultural da cidade e estado, trabalhando os princípios da agroecologia, e sobre as práticas do não desperdício, além de dar chance a todo/as de conhecerem e experimentarem os saberes partícipes dos processos agroecológicos. O Projeto deu seus frutos na Universidade Federal do Piauí construindo a Feira de Base Agroecológica-Cultural da UFPI, tendo sua primeira edição no dia 19 de maio de 2017. Desde então o evento ocorre no Espaço Rosa dos Ventos, do Campus Ministro Petrônio Portela.

Na roda de conversa ora relatada houve a participação do agricultor Gilmar, da Comunidade Soim, ele disse que quando era mais jovem os pais o chamavam para a horta e ele dizia: “Por que não manda meu irmão? ‘Só manda eu!’ ” Agora, o Gilmar, que é formado em Técnico Agropecuário, e com o conhecimento que tem de sua realidade, produziu vários instrumentos que facilitam a vida laboral da/os agricultora/es. Esses instrumentos ajudam a cavar o tamanho certo da vala para o semear, além de possibilitar de forma mais rápida, a disposição da quantidade correta de sementes pela



Agroecologia: do rural ao urbano, quem são os sujeitos?

Universidade Federal do Piauí - Teresina-PI

20 a 22 de novembro de 2018 – Teresina/PI

área prevista em cada canteiro. Além disso, suas ferramentas proporcionarem o furo na terra de toda a bandeja de mudas para a semeadura economizando tempo de trabalho. Gilmar também construiu seus próprios viveiros de mudas.

Toda essa história contada com elementos gráficos facilitam e possibilitam a leitura e interação da pessoa que assiste, ouve, os lê e constrói conhecimentos junto com todos os outros indivíduos. Pode também formular outras explicações, estimulado pela arte exposta em cada painel, exercendo sua condição de sujeito ativo na elaboração das narrativas.

CONCLUSÃO

A relatoria gráfica na Roda de Conversa da Feira-UFPI se faz muito importante, visto que a Roda é um espaço de troca de conhecimento, e quando percebemos que o contingente de pessoas abrangido pela Feira é multifacetado, entendemos a necessidade de um instrumento democrático de relato, criação e comunicação. Por ser composta por agricultora/es, artesã/ões, estudantes, consumidora/es, técnica/os e professoras a feira tem desafios em realizar uma comunicação que alcance a todo/as e a relatoria se mostra o instrumento eficaz que torna a mensagem possível de compreensão universalmente. A horizontalidade também chega por outros caminhos. A/os própria/os animadora/es da Roda que trazem um conhecimento, mas na hora da sua fala alguém presente coopera na construção do saber, aportando novo conhecimento, assim o ouvinte deixa de ser passivo e se torna ativo ao atuar no discurso e relato. Dessa maneira, a roda oportuniza a constante permuta do saber por meio de vários recursos.

Outro aspecto importante do trabalho é a sinergia entre quem fala-quem houve-quem interpreta e disponibiliza a informação/saber ali construído, mostrando que esta forma de comunicação criativa, implementa uma nova forma de comunicar na comunicação que é proposta à equipe, e faz brotar novas habilidades no comunicador social. Quando o tema proposto é posto em discussão, vai sendo reconstruído em conjunto com todos que estão presentes, de forma simultânea, e retratado na relatoria, também simultaneamente. Esta maneira de comunicar permite a inclusão de quem não sabe ler, ou tem dificuldade, permite acessar o conteúdo, modificá-lo e reproduzi-lo como uma síntese sua. A relatoria, portanto, se torna facilitadora, democrática e sinérgica.

REFERÊNCIAS

SOUZA, Natália Almeida; MACHADO, Rodrigo de Avelar; SILVA, Rafaela Dornelas; VIOLA, Paolo Marti G. P. de Souza; BIAZOTI, André Ruoppolo; TAVARES, Patricia Dias. **O que é uma semente crioula na comunicação?** In. **Cadernos de Agroecologia**– Vol. 13, Nº 1, Jul. 2018. Brasília-DF.

OLIVEIRA, Joseph A. S; OLIVEIRA, J. Victor M; SILVA, Valéria. **Pluralizando a Notícia Agroecológica: A Extensão Universitária como Espaço de Construção Interdisciplinar da Formação e da Informação. Trabalho apresentado no VII Congresso Latinoamericano de Antropología. Guayaquil-Ecuador: outubro/2018.**

PERUZZO, C. M. K. **Comunicar para Transformar. In. Revista Agriculturas: experiências em agroecologia** v.13 n.1. Rio de Janeiro: 2016.